

Brasília não tem mais espaço para depositar o lixo

Em pouco tempo, as mil e 100 toneladas de lixo que Brasília produz, por dia, não terão mais para onde ir. A constatação é da Secretaria de Meio Ambiente e Tecnologia (Sematec), que estuda alternativas para o problema. O espaço do lixão do Jockey está praticamente tomado e o planejamento do urbanista Lúcio Costa para a capital não previu um lugar para o lixo. "É preciso fazer alguma coisa", alerta a secretária Maria do Carmo Lima Bezerra, observando que a situação não pode esperar muito por uma solução.

O Instituto de Ciência e Tecnologia da Sematec e o Serviço de Limpeza Urbana (SLU) estudam três propostas para resolver o problema. Uma delas, apresentada pela Unicamp, sugere a utilização de bactérias do rúmen, parte do sistema digestivo do boi, para acelerar o processo de decomposição da matéria orgânica. Para isso, seriam necessárias células, ou seja, buracos impermeabilizados, para o depósito do lixo, dotados de um sistema de drenagem da água e de queima dos gases. Depois da ação das bactérias, o material resultante seria um produto inerte, passível de remoção, sem perigo de contaminação, para recompor áreas degradadas, como as de exploração de cascalho e de areia.

Outra opção, nesse sistema, é o fechamento das células e o aproveitamento da área para uso da comunidade. Ela poderia ser transformada em parque, por exemplo, sem nenhum risco para a população, conforme garante o chefe do Núcleo de Programação Científica e Tecnológica da Sematec, Rogério Dias. Ele explicou que essa alternativa pode ser adotada em Brasília, tanto no tratamento do lixo já depositado no lixão do Jockey, quanto no caso do lixo novo.

O sistema vem sendo usado com sucesso em algumas capitais, como Porto Alegre, Salvador, Manaus e Recife. Para que ele seja implantado na cidade, que não tem nenhum aterro sanitário, seria necessária a construção das células. As



A Sematec estuda alternativas para resolver o problema da falta de local adequado para despejar as mais de mil e 100 toneladas de lixo produzidas no DF

bactérias que apressam o processo de decomposição seriam retiradas de rúmen de bois recém-abatidos. As outras duas alternativas apresentadas à Sematec não excluem a opção por esta. Por isso, Rogério Dias acha que a solução a ser escolhida pelo DF pode resultar de uma mescla das três.

A Universidade de Brasília (UnB) sugeriu à secretaria que as áreas dos futuros aterros sejam as que passaram por exploração de cascalho, porque a remoção do mineral deixa a rocha exposta, o que resulta numa impermeabilidade natural do solo. Essa alternativa possibilitaria a redução de custos com a impermeabilização para evitar a contaminação do lençol freático. O engenheiro e geólogo Augusto Ferreira Mendonça, que apresentou a proposta, elaborou um quadro com os critérios ambientais para a instalação de aterros sanitários. A empresa Enterpa, responsável pela correção dos aterros sanitários de Goiânia, que apresentava uma situação semelhante à de Brasília de-

monstrou as normas de construção dos aterros, de forma a minimizar os impactos ambientais. Lá, os detritos do "lixão" foram removidos e a área impermeabilizada.

Contaminação — No caso de Brasília, na avaliação de Rogério Dias, a remoção seria inviável. "O lixo está sendo jogado lá há 30 anos. O que ele podia contaminar, já foi contaminado", explicou ele. Algumas experiências em Brasília, com o tratamento do lixo, estão sendo testadas pela Sematec. Uma delas é a da unidade de Brazlândia, onde é feita a coleta seletiva — propiciada pelo lixo homogêneo da região. Ele é compostado e transformado em adubo, numa pequena usina.

O modelo, de acordo com a secretária Maria do Carmo, poderia ser adotado nas cidades de Planaltina e Sobradinho. A descentralização, na opinião da secretária, traria redução de custos com frete e independência de um só sistema de tratamento.

Mais de 400 famílias vivem do Lixão

Se o depósito do lixo traz problemas à ecologia e à saúde, por outro lado, ele sustenta um exército de pelo menos 400 famílias que vivem da catação, no lixão do Jockey. Às margens da via Estrutural, formou-se uma favela ao redor do lixo *in natura*. Um pequeno comércio se instalou para atender os catadores e, hoje, tem gente que vive dos que sobrevivem do lixo. A Sematec promete considerar a variante social nos estudos para resolver o problema da destinação dos detritos, mas a secretária do Desenvolvimento Social, Maria do Barro, avisa que o lixão vai acabar. "Ele vai virar um aterro ou será desativado", informa.

Algumas opções são analisadas pela Secretaria de Desenvolvimento Social para resguardar o trabalho dos catadores. O modelo adotado em Brazlândia pode servir de parâmetro para o Jockey. Lá, desde a instalação da usina experimental de compostagem e reciclagem, os catadores fazem o trabalho de separa-

ção do lixo inorgânico e ficam com o material que consideram aproveitável. Uma associação recolhe, vende e divide o dinheiro entre os associados. Os catadores foram treinados pela Sematec para os serviços de seleção e prensagem dos detritos.

O trabalho de treinamento já foi feito, também, com os catadores do Jockey. Cerca de 50 deles participaram de um curso na secretaria, no qual aprenderam, segundo Maria do Barro, a discernir o valor de cada parte do lixo inorgânico, o que ajudou no relacionamento comercial com os intermediários. Depois do curso, os catadores se organizaram e até fundaram uma cooperativa.

Uma solução adotada em Salvador pode também servir de exemplo para Brasília. Na capital baiana, desde a implantação do sistema de tratamento do lixo, os milhares de catadores têm um prazo para separar parte do lixo inorgânico. Os caminhões despejam os detritos, que

ficam à disposição e depois são levados por pás-carregadeiras para o tratamento. A secretária Maria do Carmo não descarta também a hipótese de eles serem contratados por empresas prestadoras de serviços ao GDF que, depois de uma licitação, viriam a desenvolver trabalhos no tratamento do lixo. "Depois de devidamente treinadas, essas pessoas seriam especializadas na área", analisa.

Rogério Dias ressalta que "tem que haver uma solução", observando que não se pode manter o lixo da forma como ele é deixado na cidade só para manter os catadores. "Nós não podemos trabalhar com a hipótese de que a situação dessa população marginalizada será eternamente assim", considera. Na avaliação de Rogério, é preciso começar a investir na recuperação da área do Jockey. "Se nada for feito", ressalta ele, "os catadores não terão onde catar lixo, porque não haverá, em breve, mais espaço para se jogar nada lá".

Arquivo